Cargo seduz e divide o PMDB

Lydia Medeiros

A definição de um novo líder do Governo na Câmara esbarra nas divergências internas do PMDB. As principais alternativas para substituir o deputado Roberto Freire (PPS—PE) são do partido, mas há fortes resistências na bancada à indicação de um peemedebista para o cargo. No Senado, a liderança do Governo já é do partido, entregue a Pedro Simon (RS).

A avaliação de alguns deputados é de que as dificuldades fazem parte da orientação de setores de oposição ao chamado grupo ético, liderado pelo senador Pedro Simon, que hoje detém todos os postos de destaque no partido. O líder do PMDB, deputado Tarcísio Delgado (MG), admite haver até radicalismo nessas posturas, mas não relaciona o racha na bancada às questões partidárias: "Não há vinculação entre a liderança do Governo e problemas internos no partido".

O presidente Itamar Franco já declarou que o novo líder deveria sair do PMDB. Pedro Simon também tem essa posição e chega a ameaçar deixar o cargo no Senado, caso o partido não queira a liderança na Câmara. "Se não querem lá, não devem querer aqui também", raciocina. O cargo daria ao PMDB maior influência nas decisões do Governo, uma antiga reivindicação do partido. O líder Delgado reconhece que uma recusa poderia fragilizar a legenda.

Em reunião ontem, no Palácio do Planalto, entre o presidente Itamar Franco, o líder Pedro Simon e o ministro **tucano** Fernando Henrique Cardoso, da Fazenda, voltaram a ser discutidos os nomes dos deputados gaúchos Germano Rigotto e Odacir Klein e do deputado Paulino Cícero, do PSDB, mineiro, que está deixando o Ministério das Minas e Energia. O ex-ministro Antônio Britto, preferido para o cargo pelo Presidente e por Cardoso, está descartado. Britto disse a Simon em Porto Alegre, onde se recupera de uma operação de hérnia, que não aceitará a liderança.

Empurrão — O deputado Germano Rigotto foi uma sugestão do líder **tucano** José Serra (SP) ao ministro Fernando Hen-

rique. Pessoalmente, Rigotto não teria problemas em aceitar o cargo, mas adianta que essa decisão só poderia ser tomada com o aval do partido, através de consulta à Executiva Nacional. Rigotto foi procurado por deputados que manifestaram-se contra a participação do PMDB na liderança governista. Mas o deputado discorda: "O PMDB está no Governo. Não pode ficar com um pé dentro e outro pé fora". Ele avalia que a liderança tem um papel mais importante que um ministério, porque poderia "empurrar" o Governo na direção certa.

As resistências contra a entrega do cargo ao PMDB partiram dos deputados José Luiz Clerot (RS), José Tomás Nonô (AL), Lázaro Barbosa (GO), Aluísio Vasconcelos (MG) e Neuto do Couto (SC). Esses parlamentares integram a ala do partido que defende uma postura de oposição ao governo Itamar Franco. Para o líder Tarcísio Delgado, o PMDB apóia o Governo, mas não é governo. Ele acredita que caso o partido fique com o cargo, poderia haver um racha na bancada.

A avaliação de alguns parlamentares é de que os grupos ligados ao ex-presidente do partido, Orestes Quércia, não teriam interesse em dar prestígio a parlamentares de outra corrente. Hoje, os cargos de destaque no Congresso são ocupados por parlamentares ligados aos "éticos". Além de Simon na liderança, há o relator-geral da revisão, Nelson Jobim (RS), o vice-presidente da CPI do Orçamento, Odacir Klein (RS) e o próprio Delgado. Sem contar com o ex-ministro Antônio Britto, que deixou a pasta com prestígio, cotado para uma candidatura à Presidência.

O deputado Odacir Klein, sempre lembrado para cargos importantes como o Ministério da Agricultura, não parece disposto a aceitar a liderança governista. Klein deixou de disputar com Delgado o cargo de líder do PMDB para permanecer à frente dos trabalhos da CPI e, em conversas reservadas, encara a liderança do Governo como um "abacaxi". O presidente do PMDB, deputado Luiz Henrique (SC), não dá força ao nome de Klein, argumentando que depois de mantê-lo na CPI, seria incoerente levá-lo para a liderança do Governo. O nome de Paulino Cícero seria uma opção pessoal do Presidente.